



*Alternativas
de Educación
para Grupos
Culturalmente
Diferenciados*

TOMO III

Las opiniones expresadas en este volumen, así como el contenido de los textos incluidos, son responsabilidad de los respectivos autores y no representan necesariamente la posición de la Secretaría General de la OEA ni la de sus Estados Miembros.

Todos los derechos de la presente edición reservados por OEA
Departamento de Asuntos Culturales.
1889 F Street, N.W.
Washington, D.C. 20006, U.S.A.

Tiraje de la presente edición: 1.000 ejemplares.

Impreso por el CIDAP, Cuenca - Ecuador

ESTA PUBLICACION ES SUBVENCIONADA POR LA OEA

8. SUCATA MUSEOLÓGICA OU EXPOSIÇÃO DIDÁTICA?

MARIO DE SOUZA CHAGAS

**Diretor do Museu Joaquim Nabuco
Fundação Joaquim Nabuco
Museu Joaquim Nabuco**

Em 1978 uma equipe de museólogos e educadores da Fundação Joaquim Nabuco preocupada com os rumos da relação museu/público, museu/escola e museu/educação, desenvolveu um projeto para avaliar o "Conhecimento do Museu Joaquim Nabuco e de Joaquim Nabuco", junto aos corpos discente e docente das redes estadual e particular de ensino da cidade do Recife.

Este trabalho - que envolveu 24 estabelecimentos de ensino e a aplicação de 695 questionários, sendo 95,30/o para o corpo discente e 4,70/o para o corpo docente - apontou como conclusão o conhecimento mínimo e a desinformação, praticamente generalizada, por parte dos entrevistados, acerca do museu, da vida e da obra de Joaquim Nabuco. Por outro lado, este trabalho evidenciou também, o desconhecimento do potencial educativo do museu e a falta de motivação para realização de atividades extra-classe, tanto a nível de apoio e incentivo de instituições superiores, quanto a nível de estrutura organizacional para estas atividades.

Sete anos mais tarde, ao se perpetrar uma avaliação de caráter geral sobre o funcionamento do museu, constatou-se que seus problemas fundamentais não sofreram alterações significativas. E que para se evitar o enclausuramento em determinado setor do saber, e a conseqüente deformação do real, era necessário uma postura crítica, e a coragem suficiente para uma revisão museológica e museográfica do Museu Joaquim Nabuco. Para isso o museu foi fechado ao público e sua exposição desmontada.

O fechamento do museu colocou em cena algumas questões, tipo: O que fazer com o acervo do Museu Joaquim Nabuco? Mantê-lo em reserva técnica durante seis meses, um ano ou mais? Encaminhá-lo para os Departamentos de Arquivo (correspondência ativa e passiva) e Iconografia (fotografia e outras imagens) onde estaria disponível para consulta y eventual dinamização? E no caso de um redimensionamento geral do museu, o material fotográfico de que dispõe (posters de diversos tamanhos) e que constitui parte significativa do material exposto ainda seria utilizado? Seria possível, finalmente, dar-lhe outra destinação?

Estas questões, ao mesmo tempo em que forçaram a reflexão,

levaram os técnicos envolvidos com este processo às antigas alegações apresentadas pelo corpo docente ao grupo de pesquisadores de 1978, alegações estas que pretendiam justificar o fato de não se levar alunos ao museu e que podiam ser enquadradas em quatro níveis:

- I - dificuldade de transporte
- II - muita responsabilidade diante dos pais
- III - insuficiência de horário
- IV - falta de lembrança

Por raciocínio indutivo se compreende que estas alegações escondiam uma outra realidade: a da falta de conhecimento do museu e de suas possibilidades educativas, a da falta de interesse e de motivação externa e interna. Para quebrar o círculo do desinteresse era preciso estabelecer o contato, pele a pele (como se diz), e despertar alunos, pais e professores e diretores para o potencial educativo do museu, e mais que isso para a necessidade de torná-lo atual.

A fervura num mesmo caldeirão das questões anteriormente levantadas com as alegações do corpo docente atingiu o chamado "ponto do doce" quando se concebeu a possibilidade de uma exposição itinerante voltada basicamente para os 1o. e 2o. graus e para ser montada na própria escola, com a participação de alunos e professores.

Neste ponto foi preciso encarar duas outras questões: O que utilizar como suporte museográfico? Como reduzir os custos?

A compra de novos suportes para um material de segunda mão não era recomendável, seria algo assim como vestir uma roupa limpa sem se banhar. Recorreu-se então a painéis "fora de moda", e fora de uso, confeccionados há doze anos atrás, e com estado de conservação variável.

Assim, com este material (esta quase sucata museológica, uma vez que os próprios posters não apresentavam bom estado de conservação), foi possível preparar a exposição. É importante frisar que os custos se restringiram apenas à compra de barotes de madeira que serviram de perfís para os painéis.

Esta exposição deixou patente a possibilidade de reciclagem do

material museográfico e museológico.

Algumas críticas foram (e com certeza tornarão a ser) apresentadas, acusando a proposta da exposição de “pouco profissional”, de “deselegante”, e de utilizar material “velho”, o refúgio do museu, para uma exposição em escola.

Estas críticas são insustentáveis, ainda mais quando não vem acompanhadas de sugestões (como é frequente). Muitas vezes a alegação de “pouco profissional” é apenas um véu lançado sobre a tendência de elitizar e sacralizar o bem cultural, impedindo-o que se converta em bem social. A capacidade de transformar o inútil (o lixo, a sucata) no útil, ou no neo-útil (como diz mais precisamente o antropólogo Raul Lody), nada tem de “pouco profissional”, ainda que com frequência o neo-útil não sensibilize a sensível sensibilidade estética (perdoe-se a redundância) das classes de elevado poder de aquisição e consumo.

Os artesãos do Nordeste (e também os de outras regiões, para não se pensar que é bairrismo) dão provas de uma extraordinária capacidade criativa quando transformam pneus usados em vasos para lixo e para flores, latas de cerveja, de óleo, de azeite, de ervilhas, etc., em cinzeiros, candeeiros, canecos, instrumentos musicais e caixas de som para rádio de pilha (haja imaginação).

O exemplo do artesão que pega a lâmpada queimada e a reutiliza como luminária, e ainda extrai disso um efeito estético extraordinário, responde às críticas de que a proposta da exposição utiliza o refúgio do museu.

(Sua lâmpada queimou? Não faz mal, chame o Homen do Nordeste, ela pode voltar a dar a luz).

Na realidade aquilo que para o museu Joaquim Nabuco não mais servia e não mais se adequava aos seus objetivos, aquilo que com certeza tendia ao lixo, foi reutilizado. E apenas este dado é suficiente para provocar a reflexão acerca dos desperdícios culturais.

Um país subdesenvolvido (ou em desenvolvimento, como se gosta de dizer no Brasil) pode se dar ao luxo de mandar ao lixo material cultural capaz de exercer ainda função educativa, e de lazer?

Estou certo que não.

Infelizmente esta tem sido a prática comum aos órgãos de cultura, ainda embevecidos com a filosofia do descartável, tão saborosamente ironizada nesta nova canção que diz: “Mas, o que ela gosta é de namorado descartável, do tipo one way.”

...Mas a questão é séria, ainda mais quando se sabe que o desperdício, sob a alegação de pseudo-imprestabilidade, não vem

acompanhado de outras fontes de alimentação.

Guardando-se as devidas proporções, problemas deste tipo afetam as áreas de nutrição (com o desperdício de alimentos), saúde (desperdício de remédios) e educação (desperdício de material didático).

II

Com erros e acertos a exposição: “Viajando com Nabuco”, foi preparada, e oferecida as escolas. No dia 19 de agosto (próximo passado) foi inaugurada na Sala de Orientação Educacional da Escola Joaquim Nabuco, que é considerada no Recife como um exemplo de escola-comunidade que conseguiu reduzir ao mínimo a evasão escolar e a repetência, e que despertou nos alunos a consciência crítica de participação social. Além da banda marcial (seu grande orgulho), do clube escolar, do pelotão de saúde e da associação de ex-alunos, a escola conta com diversas outras atividades que contribuíram para o sucesso inicial da exposição.

No dia 6 de setembro, por iniciativa de sua direção, a escola realizou, a través dos alunos, o desfile comemorativo do dia da pátria, conduzindo pelas ruas parte do acervo da exposição.

Convém esclarecer que o desfile comemorativo do dia de Independência na capital de Pernambuco se reveste de um caráter educativo-cultural muito interessante, pois as escolas vão para as ruas, desfilam com seus alunos vestindo fantasias e indumentárias folclóricas, formando verdadeiras alas separadas de acordo com determinados temas.

O importante neste acontecimento envolvendo o museu é que a iniciativa partiu da própria escola, e que o museu foi, literalmente, para a rua.

Após o encerramento da exposição na Escola Joaquim Nabuco, um grupo de 12 alunos do Colégio Conceição Marista procurou o Departamento de Museologia para solicitar apoio para a realização de uma pequena peça escolar sobre Joaquim Nabuco. Informados acerca da existência da exposição itinerante, os alunos manifestaram interesse em levá-la ao Colégio e em utilizá-la no palco como cenário. Estes mesmos alunos se encarregaram do transporte da exposição, da definição do cronograma, e da aproximação entre a direção da escola e o Departamento de Museologia que, neste caso, tratou de fornecer todas as informações necessárias sobre Joaquim Nabuco e de sugerir um roteiro básico para a pequena peça a ser representada.

A experiência foi extraordinária, o museu subiu ao palco com os alunos, que reviveram de forma surpreendente aspectos marcantes da vida de Joaquim Nabuco.

Neste momento, a exposição encontra-se na Casa de Cultura Jo-

sé Condé, em Caruaru (PE), com todo o apoio da prefeitura daquele município, que tem incentivado projetos culturais e educativos desta natureza.

A partir do dia 11 de outubro estará no Colégio Monte Carmelo do município de Camocim de São Feliz.

III

Foi deliberadamente deixada para este momento a tentativa de caracterização do Museu Joaquim Nabuco, para que então, a partir dela, e com base no que anteriormente foi exposto, se pudesse tentar algumas conclusões.

O museu Joaquim Nabuco, de caráter biográfico, de pequeno porte e basicamente composto de fotografias e documentos escritos, foi instalado em 1974, por ocasião do 125º aniversário de Nabuco, num sobrado da segunda metade do século XIX, com características neoclássicas.

Ora, o que nos levou a fechar um museu (sem data prevista para reabertura) que vinha funcionando há 11 anos?

Basicamente, a constatação de que museológica e museográfica ele estava defasado da realidade além disso, a sua velocidade para atendimento de estudantes, e do público em geral, era demasiadamente lenta.

O que esta experiência nos indica é que a desmontagem da exposição forçou a busca de uma solução alternativa para a problemática do museu, e que esta solução foi encontrada na reciclagem museológica do material.

É talvez difícil admitirmos que foi preciso o museu fechar para que então se descobrisse a sua vocação, que é muito mais de pronto serviço museológico, do que de exposição estática cristalizada em uma "sala de visitas".

Quantos e quantos museus não se encontrarão exatamente nesta mesma situação? Não estamos com isso preconizando a desativação dos museus, mas sim a busca de suas verdadeiras vocações, que muitas vezes não são a de serem visitados, e sim a de visitarem.

Por esta ótica mais importante do que criar museus é fornecer aos já existentes principalmente aos de pequeno e médio porte os meios adequados para que eles possam se converter em órgãos visitantes (ou melhor, participantes) da vida da escola e de outras instituições.

Assim compreendemos que é vital a criação de diversas unidades de pronto serviço museológico, para uma maior aproximação entre o museu e a escola, entre o museu da metrópole e o interior do estado. E uma das formas para se reduzir os custos de um programa deste tipo é evitar o desperdício cultural, a duplicação de esforços (se alguém está trabalhando naquela linha, porque criar concorrência, porque não somar esforços), é, em fim, trabalhar em cima da reciclagem museológica, uma reciclagem ampla que envolva inclusive, o cooperativismo entre os museus. Fica aqui para finalizar a sugestão do Programa Nacional de Museus.